



FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS DE PONTA PORÃ

DIEGO JOSÉ PEREIRA AYALA

**O CIRCO VAI A ESCOLA:
POSSIBILIDADES DE UTILIZAR ATIVIDADES CIRCENSES NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

PONTA PORÃ
2008

DIEGO JOSÉ PEREIRA AYALA

**O CIRCO VAI A ESCOLA:
POSSIBILIDADES DE UTILIZAR ATIVIDADES CIRCENSES NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Educação,
Ciências e Letras de Ponta Porã, como
parte dos requisitos para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física

Orientador: Ms Rogério Zaim de Melo

PONTA PORÃ
2008

DIEGO JOSÉ PEREIRA AYALA

**O CIRCO VAI A ESCOLA:
POSSIBILIDADES DE UTILIZAR ATIVIDADES CIRCENSES NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Educação,
Ciências e Letras de Ponta Porã, como
parte dos requisitos para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Data de aprovação: 05/ 12/ 2008

Local: Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Ponta Porã

Banca Examinadora:

Orientador: Rogério Zaim de Melo

Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Ponta Porã

Membro: Nanashara de Sá Gonçalves

Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Ponta Porã

Membro: Wanessa Pucciariello Ramos

Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Ponta Porã

PONTA PORÃ
2008

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a meus familiares que sempre estiveram do meu lado nas horas difíceis e aos amigos que me acompanharam ao longo da vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por tudo que fizeram por mim até hoje, me empregando valores sem os quais seria impossível conviver em um meio social.

Agradeço a algumas pessoas de minha família sem elas seria impossível o sonho do ensino superior, em especial meus padrinhos e seus filhos.

Agradeço ao meu orientador pelo o esforço de nosso trabalho, pessoa de um caráter único. Foi muito mais que orientador e professor, mais sim um amigo!

*Todos juntos somos fortes
Somos flecha e somos arco
Todos nós no mesmo barco
Não há nada pra temer
Ao meu lado há um amigo
Que é preciso proteger
Todos juntos somos fortes
Não há nada pra temer*

O CIRCO VAI A ESCOLA: POSSIBILIDADES DE UTILIZAR ATIVIDADES CIRCENSES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Diego José Pereira Ayala, Rogério Zaim de Melo Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Ponta Porã.

RESUMO:

O presente estudo teve como objetivo verificar a aplicabilidade das atividades circenses nas aulas de Educação Física. Desde que as mesmas permitam vivenciar e explorar a prática corporal em todos os eixos e planos. E pensando numa Educação Física estagnada repleta de mesmice onde impera a prática esportiva servindo de fuga para professores despreocupados com o desenvolvimento de seus alunos, foi possível oferecer atividades diferenciadas que despertaram a curiosidade e o interesse dos alunos. Neste contexto realizou-se uma pesquisa de caráter etnográfico tendo como instrumento de coleta de dados um diário de campo. A análise dos dados obtidos permitiu afirmar ser possível aplicar as atividades circenses como conteúdo da Educação Física escolar, desde que haja estudo, empenho e coragem por parte dos docentes para enfrentar o inusitado.

Palavras-chaves: Educação Física; circo; atividades circenses.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Classificação das modalidades circenses de acordo com as ações motoras gerais	19
FIGURA 2 – Classificação das modalidades circenses de acordo com o tamanho do material.....	19
FIGURA 3 – Artista fazendo malabares	34
FIGURA 4 – Devil Stick	36
FIGURA 5 – Swing Poi	37
FIGURA 6 – Diabolô ou loiô Chinês	38
FIGURA 7 – Rola-bola ou rola rola	39

SUMÁRIO

	Página
Introdução	10
CAPÍTULO I	
EDUCAÇÃO FÍSICA OU EDUCAÇÃO DO FÍSICO	12
1.1 Mas afinal o que é Educação Física	13
1.2 Saberes trabalhados pela Educação Física	15
CAPÍTULO II	
ATIVIDADES CIRCENSES, SEUS SABERES PRELIMINARES.....	17
2.1 Reflexão sobre o circo na Educação Física.....	20
2.2 O circo no decorrer da história	21
2.3 O circo como ele é.....	23
2.4 O circo norte-americano.....	24
2.5 Surge um novo circo	25
2.6 O circo no Brasil	26
2.7 O circo como artifício educacional	27
CAPÍTULO III	
O CAMINHO PERCORRIDO.....	29
3.1 Tipologia da pesquisa: um estudo etnográfico.....	29
3.2 Como acontece um estudo etnográfico.....	30
3.3 Fazendo contato	31
3.4 O espaço, turma e as aulas.....	32
3.5 O início do desafio	32
3.6 A experiência da primeira aula	33
3.7 Conhecendo as modalidades circenses utilizadas nas aulas	34
3.7.1 Malabarismo	34
3.7.2 Devil Stick	36
3.7.3 Swing poi.....	37
3.7.4 Diabolô	38
3.7.5 Principios básicos.....	39

3.7.6 Rola-bola.....	39
CAPÍTULO IV	
A EXPERIENCIA PROPRIAMENTE DITA	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Hoje tem marmelada?

Tem sim senhor!

Hoje tem goiabada?

Tem sim senhor!

E o palhaço, o que é?

É ladrão de mulher

A Educação Física escolar tal qual, está hoje nas escolas brasileiras corre o risco de ser extinta. As atividades práticas poderão ser substituídas por aulas em academia ou até mesmo em simuladores.

Embora pareça um tanto quanto pesado foi essa realidade encontrada nos estágios supervisionados, realizados ao longo do curso. Alunos deixados a esmo, professores pouco preocupados em modificar essa situação. Isso gerou uma grande angústia, a formação universitária apresentava outra realidade, a qual se acreditava possível de alcançar.

Esse desconforto foi uma das motivações que me levou a busca por algo diferente para ser executado na minha prática. Vislumbrou-se uma Educação Física que atingisse a todos, sem distinção de coordenados ou descoordenados, tipo físico ou estereótipos. Os princípios tão falados por Betti: inclusão, diversidade e alteridade precisavam estar presentes na minha práxis. Essa certeza eu já tinha. Restavam agora poucas dúvidas: o que fazer?

Eis que no final do ano de 2007 deparei-me com a possibilidade de utilizar atividades circenses nas aulas de Educação Física. Mas eu não acreditava ser capaz de tal feito... Mas a idéia foi ganhando forma, tornando-se impossível fugir

dela. Passei a pesquisar tudo o que poderia encontrar sobre circo e atividades circenses. O material era escasso, haviam poucos artigos disponíveis na Internet.

Mesmo assim as atividades tornaram-se reais, me tornando cada vez mais apto a trabalhar com as mesmas. Precisava colocar a idéia em prática, seria possível? Desta forma nasceu a pergunta condutora deste estudo: seria possível trabalhar com atividades circenses em aulas de Educação Física na cidade de Ponta Porã.

Para concretizar essa idéia escolheu-se a etnografia como suporte metodológico e os alunos do 9º ano de uma Escola Estadual na cidade de Ponta Porã.

Os resultados obtidos permitem dizer que sonhar com o circo na escola é perfeitamente possível, basta o professor ser comprometido, estudar muito e ter acima de tudo muita força de vontade.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO FÍSICA OU EDUCAÇÃO DO FÍSICO?

Como acontece a Educação Física?

Quando pensamos em Educação Física, logo imaginamos em exercícios físicos, jogos, esportes e competições... Nossos pais falavam em ginástica... Nossos alunos mais velhos em jogar bola e nossos alunos mais novos em brincar ou simplesmente sair da sala. Mas, devemos pensar que esse componente curricular vai muito, além disso, pois o professor elege sua prática, dentro de uma perspectiva que deve corresponder às exigências do processo de construção da função social e cultural da Educação Física no contexto escolar.

Como disciplina escolar, a Educação Física é uma das “entidades culturais” da escola. Nessa condição, assume o caráter específico desse lugar, encarnando-o. Noutras palavras, ela é uma propriedade e um produto do ambiente escolar: a ele se define nele se constitui e se realiza (Vago, 2003, p. 215).

De acordo, com o professor Victor Hugo¹ em uma publicação de seu blog a Educação Física atualmente tem como objeto de estudo "o homem em movimento" e pode ser entendida como uma área que interage com o ser humano em sua totalidade, englobando aspectos biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais e a relação entre eles. Uma boa aula se desenvolveria quando as metas

¹ Victor Hugo mantenedor do site <http://www.educacaofisicaescolar.com> que discute e compartilha arquivos e artigos relacionados à Educação Física Escolar.

traçadas pelo professor poderiam se desenvolver no preparo físico dos alunos (aspecto biológico), aumentar sua auto-estima através da realização do movimento (aspecto psicológico), melhorar sua sociabilização (aspecto sociológico), realizar atividades conhecidas e aceitas naquela região (aspecto cultural) e, por último, relacionar esses aspectos, lembrando que todos seriam trabalhados praticamente ao mesmo tempo. Acrescento a fala deste professor o homem em movimento “em um mundo que se movimenta constantemente”.

A Educação Física no corpo escolar segundo o Soares, Taffarel, Varjal, Castellani, Escobar e Bracht (1992) se apresenta em duas perspectivas a do desenvolvimento da aptidão física e da reflexão sobre a cultura corporal - no âmbito de suas matrizes pedagógicas.

1. MAS AFINAL O QUE É EDUCAÇÃO FÍSICA?

A Educação Física é uma área do conhecimento e intervenção que lida com a cultura corporal do movimento, objetivando a melhoria qualitativa das praticas constitutivas daquela cultura mediante referenciais científicos, filosóficos e pedagógicos (BETTI, 2001). E essa cultura corporal do movimento pode ser entendida como uma parcela da cultura em geral que abrange formas culturais historicamente construídas em um simbolismo, que se defende no exercício da motricidade humana que na Educação Física é vivenciada através do jogo, do esporte, das ginásticas e práticas de aptidão física, das atividades rítmicas/expressivas e da dança, das lutas e das artes marciais e das práticas alternativas.

Na escola a Educação Física tem por finalidade introduzir e integrar o aluno no âmbito da cultura corporal do movimento tendo como ótica formar o cidadão que possa usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais no exercício de sua motricidade (IBID).

Daólio (2003) diz que a Educação Física escolar se apresenta numa perspectiva cultural, e é a partir deste referencial que a consideramos a como uma

parcela da cultura corporal, ou seja: ela se constitui numa área de conhecimento que estuda e atua sobre um conjunto de práticas ligadas ao corpo e ao movimento, criadas e efetivadas pelo homem ao longo de sua história.

Segundo Betti (1992), é tarefa da Educação Física, preparar o aluno para ser um praticante lúdico e ativo, que incorpore as práticas da cultura corporal em sua vida, para delas tirar o melhor proveito possível. É preciso preparar o cidadão que vai aderir aos programas de ginástica, esporte, etc., em instituições públicas e privadas, para que possa avaliar a qualidade do que é oferecido, e identificar as práticas que melhor promovam sua saúde e bem estar.

Para Betti (1994) a Educação Física deve, progressiva e cuidadosamente, conduzir o aluno a uma reflexão crítica que o leve à autonomia no usufruto da cultura corporal do movimento. Formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando o exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida, partindo de alguns princípios pedagógicos tais como: princípio da inclusão, princípio da diversidade e princípio da alteridade.

Princípio da Inclusão: O aluno tem direito à Educação Física não com direito formal, mas enquanto participação plena. O aluno não pode apenas estar formalmente presente na escola, mas deve ter acesso pleno a todas as vivências que ela oferece.

Princípio da Diversidade: é oferecer ao aluno uma gama de atividades diferentes para que possam vivenciar o maior número possível de práticas corporais, tal amplitude permite aos alunos maiores oportunidades para descobrir motivos e sentidos que lhes permitam escolher as práticas que melhor enquadrem em suas vidas.

Princípio da Alteridade: é preciso apreciar o alunado, respeitá-lo, ouvi-lo, conhecê-lo, o professor se transpõe no lugar do aluno.

1.2 SABERES TRABALHADOS PELA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física se desenvolve de maneira cultural e historicamente construída pela sociedade, pautada pelo que a mídia explora como é o caso da prática esportiva, onde todos vendem uma imagem de melhora e ascensão social através dos esportes, que de certa forma é uma maneira mais ampla da cultura de movimento. Sendo os esportes, as danças, as artes marciais/lutas, as ginásticas e os exercícios físicos produtos de consumo e objetos de informações amplamente divulgados ao público. Jornais, revistas, rádio, televisão e internet difundem informações sobre atividades físicas e esportivas, tendo relações com a saúde determinando alguns significados.

É nesse sentido que a Educação Física trata da cultura relacionada aos aspectos corporais, que se expressa de diversas formas, dentre as quais os jogos, a ginástica, as danças e atividades rítmicas, as lutas e os esportes apresenta uma variabilidade dos fenômenos ligados ao corpo onde movimentar-se é ainda mais importante quando se pensa na pluralidade dos modos de viver contemporâneos. Enquanto a Educação Física pautou-se unicamente pelo referencial das ciências naturais, ela pôde afirmar categorias absolutas em relação às manifestações corporais humanas, sob o argumento de que corpos biologicamente semelhantes demandam intervenções também semelhantes ou padronizadas.

No ensino da Educação Física escolar, pode-se partir do variado repertório de conhecimentos que os alunos já possuem sobre diferentes manifestações corporais e de movimento, buscando aprofundá-los e qualificá-los criticamente. Dessa maneira espera-se levar o aluno, ao longo de sua escolarização e após, a melhores oportunidades de participação e uso dos conhecimentos oferecidos e desenvolvidos ao longo da vida escolar.

Tradicionalmente nas aulas de Educação Física o professor trabalha apenas com desportos coletivos, raramente com esportes individuais. Embora recentemente os documentos oficiais que regem a Educação Física brasileira – os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) apresentem uma nova configuração para esse modelo, nos estágios supervisionados realizados durante o

curso de Educação Física foi possível verificar que na esfera prática a mudança ainda não aconteceu.

Observa-se comumente, a predominância do Esporte como conteúdo único e hegemônico nas aulas de educação física, o que acaba por reduzir o universo da cultura corporal, circunscrevendo-o ao contexto cultural norte-americano e/ou europeu, em detrimento das potencialidades que podem ser exploradas ao propor a vivência de práticas corporais oriundas da diversidade cultural de povos que constituem nossas raízes (BENTO, CORREA citados por Ferreira, 2000)

A configuração desses documentos apresenta um avanço para a área, mas ainda deixa uma lacuna, como por exemplo, não explora manifestações pouco trabalhadas nas universidades. Dentre as quais se destaca as atividades circenses, oriundas do circo que trazem consigo uma magia peculiar capaz de contagiar todos os alunos.

CAPÍTULO II

ATIVIDADES CIRCENSES, SEUS SABERES PRELIMINARES

Há sempre um pouco de circo no coração de toda criança. Há sempre um pouco de criança no coração de todo adulto. Dentro de nós despertam ecos as facécias do palhaço, o encanto da bailarina a cavalo, as proezas do trapézio, o destemor do homem que enfrenta leões e tigres... O fascínio que aureola nossas recordações, vem do resto de infância que – felizmente! – ainda ficou em nós. E enquanto houver, ressoando alegre e contagiante, um riso de criança, haverá sempre um grito entusiástico pronto a explodir: - Viva o circo! (Roberto Ruiz²)

O circo é uma das manifestações artísticas mais antigas do mundo. Quem nunca sorriu com a piada de um palhaço? Sentiu frio na barriga em um vôo do trapezista? Ficou curioso com as habilidades do mágico? Sentiu vontade de manusear as claves? Por esses e outros fatores as atividades circenses são fecundas para a Educação Física escolar.

Na literatura já é possível encontrar estudos que demonstram a aplicabilidade de atividades oriundas do circo nas aulas de Educação Física. Claro e a Prodócimo (2005) em seu trabalho *a arte circense como conteúdo da educação física escolar*, trazem uma proposta na qual seus objetivos foram analisar a

² Roberto Ruiz historiador sobre o circo e autor do livro Hoje Tem Espetáculo?

viabilidade e a adequação da arte circense como conteúdo da educação física escolar, além de contribuir para a discussão de uma metodologia para o ensino da mesma. Eles afirmam que a arte circense deve ser tratada pela educação física como um saber relativo à cultura corporal a ser trabalhado com os alunos, de maneira que possamos promover a compreensão, valorização e apropriação desta manifestação artística, através de uma abordagem que também possibilite, a cada aluno, a descoberta de suas possibilidades físicas e expressivas.

Já Bortoleto e Duprat (2007) em um de seus artigos trazem a importância de identificar o conhecimento prévio de nossos alunos, identificando o que eles sabem sobre a arte do Circo ou algum aspecto dela inerente, e possibilitar a eles que a compreensão deste fenômeno seja ampla e consistente, pois o que sabemos é que ela é muito sedutora. Que seja assim por muito mais tempo, mas que nossos alunos saibam de onde partir e trilhem novos caminhos e possibilidades para onde querem chegar. Este é o papel do educador, dar subsídios para que nossas crianças sejam autônomas e conscientes de seus atos.

Duprat (2007) em sua dissertação de mestrado expõe que o profissional da área de educação física tenha uma fundamentação histórica e crítica em relação aos conteúdos a ser trabalhado dentro de sua aula, então a Atividade Circense entra como divisor de águas, mostrando que se é possível romper com paradigmas estabelecidos pela educação física rotineira. Tendo como intenção oferecer este conhecimento, integrante da cultura corporal universalmente produzida, como conteúdo regular da disciplina de educação física transformando-a.

Para tanto é preciso esclarecer que as atividades circenses são diferentes práticas encontradas dentro da instituição circo, sendo divididas em categorias ou agrupamento de técnicas como: Atividades aéreas, Equilíbrio, técnicas de encenação, Acrobacias e Manipulação de objetos.

Mas tentar classificar fidedignamente as atividades circenses é uma tarefa árdua, pois existe uma grande variedade de modalidades e técnicas, De acordo com Bortoleto e Duprat (2007), podem ser classificadas em relação às ações motoras gerais e ao tipo e tamanho de materiais empregados.

FIGURA 1 – Classificação das modalidades circenses de acordo com as ações motoras gerais

Acrobacias	Aéreas	Diferentes modalidades de Trapézio; Tecido; Lira; Quadrante; Corda.
	Corpóreas	De chão (solo); Duplas; Trios e Grupos; Banquinas; Mastro Chinês; Contorcionismo; Jogos Icários.
	Trampolim	Trampolim Acrobático; Mini-tramp; Bâscula Russa; Maca Russa.
Manipulações	de Objetos	Malabares (bolas, claves, devil stick, diabolo, caixas, com fogo); Swing (claves e bastões); Tranca; Contato. Ilusionismo, prestidigitação, mágica, faquirismo, fantoches e ventriloquia.
Equilíbrios	de Objetos	Claves; Bastões; Antipodismo.
	sobre Objetos	Perna de pau; Monociclo; Arame; Corda Bamba; Bicicleta; Rolo Americano (rola-rola).
	Acrobáticos	Paradismo (chão e mãos-jota); Mão-a-mão (duplas trios e grupos); Jogos Icários.
Encenação	Artes corporais	Artes cênicas; dança; música.
	Palhaço	Diferentes técnicas e estilos.

Fonte: DUPRAT (2007)

FIGURA 2 – Classificação das modalidades circenses de acordo com o tamanho do material

Modalidades com materiais de tamanho grande	Trapézio (volante ou fixo); Bâscula Russa; Mastro Chinês; Balança Russa.
Modalidades com materiais de tamanho médio	Monociclo; Perna de Pau; Bolas de equilíbrio; Tecido; Corda vertical; Arame (funambulismo); corda bamba; Bicicletas de especiais (acrobáticas e/ou de equilíbrio); Trampolim acrobático (Cama Elástica); Paradismo (mesa – Pulls); Balança Coreana.
Modalidades com materiais de tamanho pequeno	Malabares; Rola Americano (rola-rola); Mágica e Faquirismo (com material pequeno: moedas, baralhos, etc.); Pirofagia; Fantoches e Marionetes.
Modalidades sem materiais (corporais)	Acrobacias: de chão (solo), mão a mão (duplas), em grupo; Canastilha; Contorcionismo; Equilibrismo corporal individual: paradismo, verticalismo (solo); Clown (Palhaço); Mímica; Ilusionismo (sem a utilização de instrumentos e/ou materiais); ventriloquia.

Fonte: DUPRAT (2007)

A arte circense exerce certo fascínio por sua plasticidade e efeito visual a quem assiste e aos que praticam, torna-se então uma prática tentadora para superação de limites, por vivenciar o corpo em maneiras diversas e propor inúmeros desafios a serem explorados e vencidos, apresenta-se justificável na educação física, pois o campo de estudo da mesma defende a vivência da cultura corporal do movimento, em uma análise superficial e observando as tabelas acima descritas podemos levar em consideração a aplicabilidade das modalidades no âmbito escolar se orientando pela segunda tabela na qual nos propõe uma visão mais realista, pelo fato da escola ser uma instituição limitada muitas vezes não há condições de fazer uso pedagógico de atividades de grande porte por apresentar problemas em relação ao seu deslocamento e por serem de custo alto, já às atividades de porte médio não apresentam o problema do deslocamento embora tenha um valor aquisitivo pouco alto também, sem contar que ambas necessitam certas condições como infraestrutura, segurança adequada e capacitação profissional.

Assim as modalidades que necessitam de pouca infra-estrutura, como as que utilizam materiais de tamanho pequeno e as que não utilizam nenhum tipo de material, são consideradas mais acessíveis a uma aplicabilidade na escola, permitindo ser construída com material de baixo custo e praticada de maneira simples, sem apresentar riscos à integridade física dos praticantes, exigindo uma infra-estrutura básica e não sendo de difícil execução. Proporcionando assim uma Educação Física diversificada, e enriquecida com uma amplitude no repertório motor e cultural dos alunos promovendo uma variação das ações corporais.

2.1 REFLEXÃO SOBRE O CIRCO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

*Vai, vai, vai começar a brincadeira
Tem charanga tocando a noite inteira
Vem, vem, vem ver um circo de verdade
Tem, tem, tem picadeiro e qualidade.
(Sidney Miller)*

Mas pensar no circo como conteúdo das aulas de educação física é romper com um paradigma pré-estabelecido, no qual nos impõe apenas os

conteúdos encontrados nos Parâmetros Curriculares Nacionais para serem trabalhados nos distintos anos da vida escolar desde a educação infantil ao ensino médio e até mesmo no ensino superior, não nos permite atividades que estimulem o desafio e a segurança do aluno.

Desde que as atividades circenses não são reconhecidas como conteúdo programático a começar pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. E passando pelas Universidades que não tem em seus currículos atividades circense, mesmo em universidades que tenham o curso de artes cênicas as atividades circenses também não são contempladas. Na contramão dessa visão aparecem os grupos e as trupes de artistas que vão aos teatros, aos aniversários, praças e aos meios de comunicação trabalhar tendo o circo como linguagem artística, causando encantamento e prazer. Com o uso dessa linguagem e destes artifícios, surge então um elo entre o papel e a função da educação, ganhando uma resignificação sustentada na implementação de estudos e atividades que contribuem para uma revalorização de conceitos, ampliando o conhecimento cultural e social da população.

É impossível não reparar na expressiva expansão das praticas circenses na sociedade não sendo apenas o lócus de artistas, mas sim de outros profissionais, embora essa expansão esteja acontecendo e as produções científicas acerca do circo venham crescendo, observa-se em sua grande parte artigos voltados a questão histórica com intuito de preservação do patrimônio cultural humano. Embora, os estudos acadêmico-científicos sobre do fenômeno circenses ainda representam um universo extremamente reduzido, o que sugere a distância e o descaso que historicamente se construiu entre esse tipo de pratica corporal artística, originalmente utilizada exclusivamente para o entretenimento, a Educação Física (SOARES, 1998).

2.2 O CIRCO NO DECORRER DA HISTÓRIA

Esse texto apresenta uma síntese de cunho pedagógico para ser entendida a passagem do circo ao longo dos acontecimentos vividos pela

sociedade, aspectos da dinâmica histórico-cultural, ressaltando as atividades circenses como parte importante da cultura corporal e saem em defesa da sua inclusão nas aulas de educação física escolar. O Circo representa uma parte importante da cultura humana, construída ao longo de séculos desde que o homem começou a registrar suas descobertas, suas idéias e seus feitos.

Pode-se dizer que as artes circenses surgiram na China, onde foram descobertas pinturas de quase 5.000 anos em que aparecem acrobatas, contorcionistas e equilibristas. A acrobacia inclusive era uma forma de treinamento para os guerreiros de quem se exigia agilidade, flexibilidade e força. Com o tempo, a essas qualidades se somou a graça, a beleza e a harmonia.

Em 108 a.C. houve uma grande festa em homenagem a visitantes estrangeiros, que foram brindados com apresentações acrobáticas surpreendentes. A partir daí, o imperador decidiu que todos os anos seriam realizados espetáculos do gênero durante o Festival da Primeira Lua. Até hoje os aldeões praticam malabarismo com espigas de milho e brincam de saltar e equilibrar imensos vasos nos pés.

Nas pirâmides do Egito existem pinturas de malabaristas e paradistas. Nos grandes desfiles militares dos faraós se exibiam animais ferozes das terras conquistadas, caracterizando os primeiros domadores.

Na Índia, os números de contorção e saltos fazem parte dos milenares espetáculos sagrados, junto com danças, música e canto.

Na Grécia as paradas de mão, o equilíbrio mão a mão, os números de força, as paradas de mão e o contorcionismo eram modalidades olímpicas. Os sátiros faziam o povo rir, dando continuidade à linhagem dos palhaços. No ano 70 a.C., em Pompéia, havia um anfiteatro destinado a exibições de habilidades incomuns.

O Circo Máximo de Roma apareceu pouco depois, mas foi destruído em um incêndio. Em 40 a.C., no mesmo local foi construído o Coliseu, onde cabiam 87 mil espectadores. Lá eram apresentadas excentricidades como homens louros

nórdicos, animais exóticos, engolidores de fogo e gladiadores, entre outros. Porém, entre 54 e 68 d.C., as arenas passaram a ser ocupadas por espetáculos sangrentos, com a perseguição aos cristãos, que eram atirados às feras, o que diminuiu o interesse pelas artes circenses.

Os artistas passaram a improvisar suas apresentações em praças públicas, feiras e entradas de igrejas. Durante séculos, em feiras populares, barracas exibiram fenômenos, habilidades incomuns, truques mágicos e malabarismo.

No século XVIII, vários grupos de saltimbancos percorriam a Europa, especialmente na Inglaterra, França e Espanha. Eram freqüentes as exibições de destreza a cavalo, combates simulados e provas de equitação.

2.3 O CIRCO COMO ELE É

O primeiro circo europeu moderno, o Astley's Amphitheatre, foi inaugurado em Londres por volta de 1770 por Philip Astley, um oficial inglês da Cavalaria Britânica. O circo de Astley tinha um picadeiro com uma espécie de arquibancada perto. Construiu um anfiteatro suntuoso e fixo, pois ficaria permanentemente no mesmo lugar. Organizou um espetáculo eqüestre, com rigor e estrutura militares, mas percebeu que para segurar o público, teria que reunir outras atrações e juntou saltimbancos, equilibristas, saltadores e palhaço. O palhaço do batalhão era um soldado campônio, que acaba sendo o *clown* e que em inglês, origina de caipira. O palhaço não sabia montar, entrava no picadeiro montado ao contrário, caía do cavalo, subia de um lado, caía do outro, passava por baixo do cavalo. Como fazia muito sucesso, começaram a se desenvolver novas situações. Ao longo dos anos, Astley acrescentou saltos acrobáticos, dança com laços e malabarismo.

Este primeiro circo funcionava como um quartel: os uniformes, o rufar dos tambores, as vozes de comando para a execução dos números de risco. O

próprio Astley dirigia e apresentava o espetáculo, criando assim, a figura do mestre de cerimônias.

Seu espetáculo foi visto por gente de todo mundo, pois Londres era muito visitada. E em 50 anos, houve um rápido desenvolvimento do circo no mundo.

O termo *circus* foi utilizado pela primeira vez em 1782, quando o rival de Astley, Charles Hughes, abriu as portas do Royal Circus. Em princípios do século XIX havia circos permanentes em algumas das grandes cidades européias. Existiam, além disso, circos ambulantes, que se deslocavam de cidade em cidade em carretas cobertas.

2.4 O CIRCO NORTE-AMERICANO

John Bill Ricketts, inglês e aluno de Hughes levou o circo aos Estados Unidos em 1792, tendo excursionado pelo nordeste americano. Seu circo foi destruído em um incêndio, fazendo-o retornar para a Inglaterra, aonde não chegou, pois o navio em que viajava afundou em uma tempestade.

William Cameron Coup foi o primeiro a fazer um espetáculo circense de grandes dimensões, para uma platéia de mais de mil pessoas, em 1869, com espetáculo em dois picadeiros simultaneamente. Dois anos depois, associou-se a Phineas T. Barnum, um famoso apresentador, e abriram um grande circo em Nova York. A propaganda dizia que era “o maior espetáculo da Terra”. Em 1881, Barnum juntou-se a James Anthony Bailey, fazendo surgir um circo ainda maior, o *Barnum and Bailey*, com três picadeiros simultâneos.

Em 1884, surgiu a poderosa dinastia circense dos irmãos Ringling, que absorveram, entre outras, a companhia de Barnum e Bailey, e se tornaram a maior organização itinerante do mundo. No entanto, depois da II Guerra Mundial, os custos de montagem e transporte tornaram inviável o traslado de semelhante estrutura.

2.5 SURGE UM NOVO CIRCO

Atualmente, paralelamente aos circos itinerantes e tradicionais que ainda existem, a arte circense também se aprende em escolas. Por uma mudança de valores, muitos circenses colocaram seus filhos para estudar e fazer um curso universitário. As novas gerações estão trabalhando mais na administração dos circos.

Surge um novo movimento, que pode ser chamado de Circo Contemporâneo. Não há uma data precisa do seu surgimento, mas pode-se dizer que o movimento começou no final dos anos 70, em vários países simultaneamente. Na Austrália, com o *Circus Oz* (1978), e na Inglaterra, com os artistas de rua fazendo palhaços, truques com fogo, andando em pernas de pau e com suas mágicas.

Na França, a primeira escola de circo é a Escola Nacional de Circo *Annie Fratellini*. Annie era descendente da maior família de palhaços franceses, os Fratellini. A escola surge com o apoio do governo francês, em 1979. Ligados à escola ou não, começam a surgir vários grupos.

No Canadá, os ginastas começaram a dar aulas para alguns artistas performáticos e a fazer programas especiais para a televisão e em ginásios em que os saltos acrobáticos eram mais circenses. Em 1981, criou-se a primeira escola de circo para atender à demanda dos artistas performáticos.

Em 1982, surge em Québec o *Club des Talons Hauts*, grupo de artistas em pernas de pau, malabaristas e pirofagistas. É esse grupo que em 1984 realiza o primeiro espetáculo do *Cirque du Soleil*. Em decorrência do grande sucesso no Canadá, eles recebem apoio do governo para a primeira turnê nos Estados Unidos. A segunda turnê, em 1990, é assistida por 1.300.000 espectadores no Canadá e excursiona por 19 cidades americanas. Surge a grande empresa de espetáculos, que atualmente está em cartaz com oito espetáculos diferentes no mundo, em três continentes, com mais de 700 artistas contratados.

Voltando um pouco na história, é importante mencionar a influência da ex-URSS. Em 1921, o novo governo soviético resolve criar uma escola de circo e

convidam o prestigiado diretor de teatro Vsevolod Meyherhold para dirigi-la. O contato entre os tradicionais do circo e a vanguarda do teatro resulta na criação de uma escola que coloca o circo num patamar de arte. Dança clássica e teatro fazem parte do currículo. É criada uma forma de espetáculo com temas e apresentações inteiramente nova. São criados novos aparelhos, diretores são chamados para dirigir os espetáculos, músicos fazem composições especiais e sob medida.

2.6 O CIRCO NO BRASIL

No Brasil, mesmo antes do circo de Astley, já havia os ciganos que vieram da Europa, onde eram perseguidos. Sempre houve ligação dos ciganos com o circo. Entre suas especialidades incluíam-se a doma de ursos, o ilusionismo e as exibições com cavalos. Há relatos de que eles usavam tendas e nas festas sacras, havia bagunça, bebedeira, e exibições artísticas, incluindo teatro de bonecos. Eles viajavam de cidade em cidade, e adaptavam seus espetáculos ao gosto da população local. Números que não faziam sucesso na cidade eram tirados do programa.

O circo com suas características, em geral itinerante, existe no Brasil a partir desde o século XIX. Desembarcavam em um porto importante, faziam seu espetáculo partiam para outras cidades, descendo pelo litoral até o rio da Prata, indo para Buenos Aires.

Instalando-se na periferia das grandes cidades e voltado para as classes populares, sua modernização não se deu em termos de espaços e equipamentos: investem no elemento humano, suas destrezas, habilidades e criatividade. Por isso, os palhaços são as figuras centrais, dependendo deles o sucesso do circo.

O circo brasileiro tropicalizou algumas atrações. O palhaço brasileiro falava muito, ao contrário do europeu, que era mais mímico. Era mais conquistador e malandro, seresteiro, tocador de violão, com um humor picante. O público também apresentava características diferentes: os europeus iam ao circo apreciar a arte; no

Brasil, os números perigosos eram as atrações: trapézio, animais selvagens e ferozes.

Segundo Alice Viveiros de Castro, atualmente existem mais de 2.000 circos espalhados pelo Brasil, sendo aproximadamente 80 médios e grandes, com trapézio de vãos, animais e grande elenco. Estima-se um público anual de 25 milhões de espectadores. Entre os problemas enfrentados nos dias de hoje estão os terrenos caros e há cidades que não permitem a montagem de circos, pois seus prefeitos temem estes “forasteiros”.

2.7 O CIRCO COMO UM ARTIFÍCIO EDUCACIONAL

No Brasil, a primeira escola de Circo, Piolin, instalou-se em São Paulo, no estádio do Pacaembu em 1977. Em 1982, surgiu a Escola Nacional de Circo no Rio de Janeiro. A partir deste momento a multiplicação das escolas de circo foi um passo decisivo para a democratização do saber, seja para um uso profissional ou não. É por isso que a arte do Circo pode, hoje em dia, ser aprendida e praticada por inúmeras pessoas que buscam na multidisciplinaridade a criação de coisas novas e diferentes. Provavelmente o Circo nunca foi tão popular neste sentido, nunca tanta gente praticou nunca se falou e se viu tanto Circo. Como já aconteceu com outras atividades, como o esporte, a pintura e a dança, o Circo deixou de ser uma atividade unicamente profissional (um meio de trabalho – corpo espetáculo). Atualmente observamos muitas pessoas praticando as atividades circenses como forma de lazer-recreação, com fins educativos e sociais (Bortoleto e Carvalho, 2003).

Na educação física a atividade circense aparece com ênfase de estudos realizados por professores da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), através do Grupo de Estudo e Pesquisa das Atividades Circenses (CIRCUS), onde os focos dos estudos são análises sobre a expansão deste fenômeno na modernidade, e suas transformações como utilização no âmbito social, recreativo, educativo e fundamentalmente artístico ou performático (Bortoleto e Machado, 2003). Iniciando diferentes estudos com a intenção de desvendar seus aspectos pedagógicos, materiais e tecnológicos das

práticas circenses e sua relação nas suas diversas manifestações. Dando origem a diferentes artigos (Bortoleto, 2003, 2004, 2006, Bortoleto e Duprat, 2007, Bortoleto e Calça 2006, 2007, entre outros) e a produção do livro organizado em 2008 por Marco Antonio Coelho Bortoleto – Introdução À Pedagogia das Atividades Circenses.

CAPÍTULO III

O CAMINHO PERCORRIDO

Ao longo da realização dessa pesquisa foi necessário tomar algumas decisões, algumas de natureza simples (a escolha da escola; a turma com a qual se trabalharia) outras mais complexas (os elementos do circo e principalmente a tipologia do estudo). Este capítulo destina-se a contar o processo de como essas escolhas aconteceram.

3.1 TIPOLOGIA DA PESQUISA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

Para que se concretizasse esse estudo escolheu-se um estudo de natureza etnográfica, segundo Wikipédia (2008): a etnografia é um estudo com sua origem ligada na Antropologia Social, que surgiu da necessidade de compreender as relações sócio-culturais, os comportamentos, ritos, técnicas, saberes e práticas das sociedades, e que tem vindo a ser adaptada a problemas comuns da atualidade. Os antropólogos, normalmente, têm a tarefa de estudar culturas que são completamente diferentes das sociedades nas quais eles vivem estudar as diferenças entre as suas experiências e costumes, assim como entender como esta funciona. Ou seja, têm o objetivo de compreendê-la do ponto de vista das pessoas que nela vivem.

De acordo com Ferreira (2000), essa relação com sujeitos pesquisados faz com que o pesquisador também seja envolvido pela pesquisa, ou seja, o pesquisador passa a constituir e influenciar ativamente o cenário deste cotidiano pesquisado. Não havendo um distanciamento até então existente entre o pesquisador e pesquisado, em meio desta fusão vão aparecendo as aproximações e resultados esperados em uma relação social.

Na busca das significações do outro, o investigador deve, pois, ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas de entender, conceber e recriar o mundo. (ANDRÉ, 1995, p. 45).

Por estar buscando com esta pesquisa aproximar o conteúdo de Atividades Circenses às aulas de educação física escolar, através de uma experiência prática existente nas aulas, um estudo do tipo etnográfico se justifica, pois, nos apresenta de maneira mais concreta a realização do trabalho.

3.2 COMO ACONTECE UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

Segundo Geertz citado por Ferreira (2000), (...) praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante (p.15). Ainda para o autor (1989) uma etnografia é uma "descrição densa" o que implica na busca da profundidade e da contextualização dos significados.

Para que um estudo etnográfico seja caracterizado como tal André (2000), propõe etapas e técnica tradicionais na etnografia para o transcorrer da pesquisa são elas:

- Observação Participante: o pesquisador em contato com a realidade da pesquisa a influencia e é influenciado por ela.
- Entrevista: tem por objetivo aprofundar e esclarecer os problemas observados.

- Documentos: contextualizam, clarificam e complementam as informações sobre o fenômeno através de outras fontes.

Com toda essa informação acima descrita, a pesquisa etnográfica vai além disso, se preocupa muito com o significado que as pessoas, envolvidas na pesquisa, atribuem às ações e aos eventos, portanto, ao pesquisador cabe revelar estes sentidos e significados. Sendo que para Geertz citado por Ferreira (2000), não basta apenas descrever os sentidos e significados observados, como também esta descrição não deve ser feita de maneira casual e/ou casual, é preciso considerar os contextos (cultura) em sua profundidade e por isso é necessário que haja uma descrição completa para que essa realidade seja compreendida.

A consideração que trago com uma análise acerca do estudo dos autores descritos tanto Geertz citado por Ferreira (2000) quanto André (1995), me leva a pensar que não basta apenas estudar a escola, mas sim as relações que ela implica em seu cotidiano, em suas dificuldades e peculiaridades. No meu ponto de vista, acredito que tal feito trará grandes avanços na pesquisa relacionada a este espaço escola carente de estudos e propostas para a melhoria de seu funcionamento.

3.3 FAZENDO CONTATOS

A intenção era estabelecer parâmetros para que pudesse acontecer a pesquisa: o primeiro deles é que a mesma tinha de ser desenvolvida em uma escola pública, pois é nela que aparecem as inquietações da educação como descaso por autoridades, falta de material e lugares adequados as aulas, marginalidade por conta de muitos alunos serem advindos da periferia com isso a sociedade já pré estabelece o modo de vida dos mesmos, e a implicação da pesquisa para mim seria um artifício para diminuir esses problemas mesmo que de forma superficial, podendo mensurar o grau de aceitabilidade da escola e dos alunos em relação às Atividades Circenses.

Juntando esse ponto de vista sobre a educação e pesquisado o público alvo do trabalho, pensei que a pesquisa poderia estar vinculada ao ensino fundamental, selecionei a escola, montei a idéia da pesquisa e entrei em contato com a professora, expliquei a ela em uma conversa a idéia que eu pretendia trabalhar. Por sorte a mesma disse que poderia ser desenvolvido o trabalho com uma das salas que ela lecionava, alegando que seria bom, uma proposta diferente, porque a sala em questão não estava se adaptando ao conteúdo selecionado por ela.

3.4 O ESPAÇO, A TURMA E AS AULAS

Na escola escolhida estão disponíveis aos professores de educação física duas quadras sendo que uma possui cobertura e um amplo espaço interno e a outra não possui cobertura, mas ao seu redor possui uma ampla área gramada e algumas partes calçadas em torno, a escola ainda contem partes cobertas em seus corredores bem amplos onde as aulas de educação física são ministradas pelas professoras da educação infantil e podem ser usados pelos demais professores. A escola também possui mais duas áreas calçadas onde se podem improvisar mais duas quadras.

A turma escolhida foi o 9º ano do ensino fundamental do período vespertino, o grupo era composto por 35 alunos e as aulas aconteciam duas vezes por semana na terça-feira e na quinta-feira, com 50 minutos de duração cada aula.

3.5 O INÍCIO DO DESAFIO

No dia 28 de abril de 2008, iniciou-se a pesquisa através de observação das aulas com o intuito de conhecer a turma em que ia realizar minha pesquisa. Chegando ao local observou-se a aula e a professora apresentou a turma,

dizendo que seria desenvolvido com eles um conteúdo novo de que eles iam gostar, alguns dos alunos gostaram da idéia embora outros tivessem olhar meio atravessado estampado no rosto.

Então no dia 6 de maio de 2008 aconteceu à primeira aula com a temática de Atividades Circenses a primeiro contato fui conversando com os alunos, perguntando-lhes o que achavam sobre o circo, o que eles conheciam sobre o circo e se lhes interessava aprender algumas das modalidades pertencentes ao circo. Essa conversa decorreu de maneira calma e bem aceitável, mas quando comecei a se aprofundar quais eram as modalidades existentes e quais seriam adotadas nas aulas, houve controvérsias alguns alunos diziam que não iam fazer coisas que as pessoas faziam nos sinais e outras gostaram da idéia, pois nem todos tinham habilidades para fazer realizar alguns conteúdos estabelecidos dentro de suas aulas pela professora regente, os planos das aulas puderam então ser construídos a partir desta aula, onde eu pude conhecer o que os alunos traziam consigo em relação ao conteúdo que seria ministrado e poderia montar aulas onde englobasse, superasse a expectativa dos alunos de uma maneira geral.

Cada fim de aula era proposto em uma roda de conversa o que os alunos queriam que fosse melhorado nas aulas, e havia um diálogo sobre as aulas como estava acontecendo, a fim de promover algo que pudesse estabelecer algumas das dimensões do planejamento da aula pré estabelecidos pela educação física escolar, as dimensões conceituais onde os alunos tinham a oportunidade de esclarecer seus interesses e anseios, e as dimensões atitudinais onde os alunos poderiam transparecendo no desenvolver das atividades os valores adquiridos ao longo dessa etapa. E relatando o que eles estavam absorvendo com as atividades, as respostas era uma linha tênue entre gostos e desgostos.

3.6 A EXPERIÊNCIA DA PRIMEIRA AULA

Encerrando essa primeira parte de apresentação do que seria aplicado em aula, pude então dar início as aulas mesclando conhecimento teórico com o prático, respeitando o planejamento da professora, a partir de então as aulas dessa

turma foram emprestadas a mim pela professora até o fim do trabalho que aconteceria dentro de um mês, e poderia estar aplicando minha proposta de Atividades Circenses para as aulas de Educação Física.

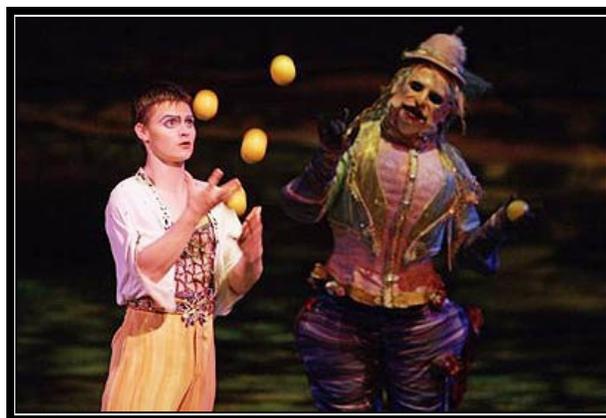
Na primeira aula lá estava eu ansioso e curioso em relação da reação da turma, passando mil coisas pela cabeça ao mesmo tempo em meio a uma roda de alunos sentados ao centro da quadra, falei e falei mais ainda todos me olhando como se fosse coisa de outro mundo, ate que eu abri minha mochila onde continha algumas das modalidades a serem trabalhadas. Um grupo de alunos conhecia algumas das atividades que se ia trabalhar aliviando assim um pouco de minha angustia, pensando se iria dar certo, aquela minha vontade.

3.7 CONHECENDO AS MODALIDADES CIRCENSES UTILIZADAS NAS AULAS

As atividades utilizadas nas aulas de Educação Física precisavam obedecer uma ordem que proporcionasse uma sequência para que assim as crianças compreendessem melhor o que foi proposto.

3.7.1 MALABARISMO

Figura 3 – Artista fazendo malabares



Fonte: <http://blstb.msn.com/i/53/826FECE459654C8BD63B0CB8034AD.jpg>

É a arte de manipular objetos com destreza. Ou executar um gesto complexo, lidando com situações difíceis e instáveis sem perder o domínio e o controle, usando um ou mais objetos, onde os métodos de manipulação não são misteriosos (como no ilusionismo). É uma das mais típicas artes de circo, apesar de não ser necessariamente relacionada a ele em sua história. A origem do malabarismo é incerta, mas há registros que indicam ser uma arte praticada desde a antigüidade.

Na antiga pré-história, o homem já havia inventado formas de manejar objetos chamativos e inúteis. O Staatliche Museen, de Berlin, possui uma estátua de terra cota, de mais ou menos 200 A.C., de um homem equilibrando bolinhas em diferentes partes do corpo. Em algumas civilizações, estas habilidades deixaram seu rastro na mitologia e na religião. Há ritos de adivinhações na cultura indígena nos quais uma flecha é manejada pelo chamã de uma forma complicadíssima, incluindo equilíbrio de diversos tipos antes de lançá-la para, então, ser interpretada.

Em geral malabaristas, dividem suas técnicas em categorias, agrupando o que realizam em função dos materiais que manejam, sejam estes: massas (claves), bolas, aros, diabólos, etc...

Na análise realizada por Xavier De Blas³, em seu trabalho “Los malabarismos desde la praxiología motriz⁴”, ele propõe classificar os materiais de circo em função de suas possibilidades de ação. Assim as ações encontradas relacionadas ao malabarismo são: arrastar ou conduzir, rotar, manter em equilíbrio, recepcionar, golpear, lançar, atirar, girar e balançar.

³ Xavier de Blas malabarista espanhol e estudioso sobre o circo e suas implicações na Educação Física Escolar, professor da Faculdade de Educação Física Blanquema – Universidade Ramon Llul – Barcelona – Espanha.

⁴ Artigo publicado em 2000, por Xavier de Blas no V Seminário Internacional de Praxiología Motriz da INEF Galícia, A Coruña, p. 69 – 88, Espanha.

3.7.2 DEVIL STICK

Figura 4 – devil stick



Fonte: http://www.circos.com.pt/devil_street.jpg

O Devil Stick é um bastão de comprimento que varia, que depende de cada praticante e/ou produtor. É um malabarismo com tacos, que são três: - 1 *Devil Stick* - o principal, o maior. - 2 *Hand Stick* - que são os que ficam nas mãos dos malabaristas, esses são menores.

O Devil Stick poder aparecer como Flower Stick, e se engana quem pensa que é a mesma coisa. O Flower Stick se baseia no mesmo princípio, mas é mais usado por iniciantes ou quem faz manobras que usem as *Flores* que o bastão principal tem em suas pontas - É daí que se dá o nome, FLOWER Stick, o taco principal tem pontas enfeitadas com borracha, cordinhas et cetera.

Os tacos principais podem ser feitos de madeira ou de outros materiais como o plástico. Não há algo que seja melhor adequado. Cada praticante acaba achando o que lhe convém. Os hands podem ser de madeira (mais fina do que a do taco principal). Mas, a maioria é de silicone e derivados - pois é mais conveniente.

Há uma infinidade de manobras, cada praticante vai descobrindo-se com o tempo. Mas, as principais para se começar a treinar são:

- Tic-Tac: O simples, um pra cá, um pra lá.

- Giro externo: Consiste em dar um giro por fora pelo *hand-stick* e voltar ao Tic-Tac - sem deixar cair é óbvio.

- Salto simples: De forma básica é lançar o taco principal de forma que ele vá para cima e volte de uma maneira que você consiga controlar e não deixe cair.

- Giro com uma mão só: Girar o taco principal usando apenas um *hand-stick*.

3.7.3 SWING POI

Figura 5 – Swing poi



Fonte: http://img.mercadolivre.com.br/jm/img?s=MLB&f=54667000_4963.jpg&v=O

"POI" é uma palavra Maori que significa bola. O poi foi usado, muitos anos atrás pelos indígenas Maoris da Nova Zelândia.

Era originalmente utilizado pelas mulheres para manter suas mãos flexíveis para tecer e pelos homens para manter força e coordenação requeridas durante a batalha ou caça.

Alguns estudos afirmam que o swing poi foi criado primeiro no Japão e na China, há uns mil anos atrás para que as crianças nobres pudessem brincar. As verdadeiras origens não são conhecidas, mas diz-se que as danças "Temari" eram ensinadas somente às crianças nobres para preservar certas tradições.

3.7.4 DIABOLO

Figura 6 – Diabolô ou ioiô chinês



Fonte: <http://web4j1.lane.edu/~james/images/diabolopic.jpg>

O Diabolo, que teve origem do ioio chinês, é um instrumento de malabarismo muito usado pelas pessoas que praticam o mesmo. Os ioiôs chineses têm um eixo magro e longo, com as laterais em forma de disco, enquanto o diabolo ocidental é mais coniforme.

O termo diabo vem da palavra grega diaballo (mais tarde diabolo), que significa “lançar através”. Um significado secundário de diaballo é caluniar ou infamar, falar mal sobre alguém. O nome é a única coisa que tem uma conexão ao Diabo e o diabolo não possui ligação com nenhum fenômeno sobrenatural.

3.7.5 PRINCÍPIOS BÁSICOS

O ato mais básico de manipulação do diabolo é fazer o carretel girar suspenso no fio. Isto geralmente é conseguido arrastando o fio pelo eixo de tal modo que a fricção no eixo faz o carretel rolar. Batendo uma das baquetas repetidamente (direita para os destros e vice e versa), a velocidade pode ser aumentada. Este método é conhecido como pulling.

Quando a velocidade é obtida, o diabolista executa uma rotina típica baseada nos truques esboçados abaixo. Os melhores diabolistas podem executar estes truques suavemente e entre uma manobra e outra mantém o diabolo em um movimento constante sem ter que parar para acelerar novamente.

3.7.6 ROLA-BOLA

Figura 7 – Rola-bola ou rola rola



Fonte: <http://www.woodenstilts.co.uk/images/products/rolabola.jpg>

O rola-bola, conhecido popularmente no Brasil como “rola-rola” ou “tábua de equilíbrio” é uma das modalidades mais antigas e tradicionais dos espetáculos circenses. Um rola-bola consiste em um cilindro (rolo) sobre o qual coloca-se uma prancha e onde os artistas pretendem mostrar seu mais alto controle do equilíbrio numa situação totalmente instável. Ao subir sobre a tábua, ou, sobre a prancha, que desliza lateralmente sobre o cilindro, devemos estar todo o tempo controlando o equilíbrio, buscando uma estabilidade que somente chegará e se manterá algum instante, prevalecendo à instabilidade da superfície. Uma atividade que permite desenvolver o equilíbrio e que pode se tornar uma ferramenta importante para a Educação Física escolar.

CAPÍTULO IV

A EXPERIENCIA PROPRIAMENTE DITA

As aulas aconteceram em etapas de modalidades. A primeira modalidade ministrada foi o Swing Poi, mostrou-se como se construía o objeto, a aula percorreu com a confecção e execução de alguns movimentos em todos os planos possíveis de movimentação executamos os giros laterais, de frente e de costas com um dos swing poi. As atividades realizadas com o swing poi foram as seguintes:

Atividade 01

Confecção do material - pedaço de papelão e tiras de tnt

Atividade 02

Manipulação efetiva do objeto com giros laterais, frontais, acima da cabeça, abaixo, cruzando na frente cruzando atrás movimentos básicos. Chegando ao movimento denominado borboleta.

Na segunda aula da semana foi reforçado os movimentos até então aprendidos, incluindo mais alguns. Aderimos a essa mesma aula o uso de mais uma das modalidades circenses o Diabolo onde desenvolveu-se a aula com a exposição oral histórica sobre o mesmo, e demonstração de como se manuseia e algumas manobras, a aula não se concretizou com eficácia, pois havia apenas um exemplar real do aparelho e poucos outros confeccionados alternativamente com garrafa pet,

onde os mesmos não detêm características relevantes para a execução de manobras. Manobras vistas com o Diabolo foram:

- Toss - o primeiro truque que todo mundo aprende é jogar o diabolo para cima e pegar.

- Trapeze (A.K.A Stopover) – o diabolo é balançado em volta das baquetas e travado na cordinha.

- Backside – pegando o diabolo usando o “fundo” da cordinha.

- Suicide (soltar baqueta) – soltar a baqueta temporariamente e pegar novamente.

A terceira aula teve incluído ao seu conteúdo o aparelho Stick Devil, foram explicadas suas principais características como partes integrantes e os tipos diferentes de saída, e a sua origem, foram feitas algumas manobras iniciais. A aula de Devil stick

Quarta aula continuou o trabalho com o Stick Devil, com a intenção de promover uma fixação de suas manobras vistas na aula anterior, feito isso, foi incluído mais algumas manobras. As manobras desenvolvidas foram:

Tic-Tac - O simples, um pra cá, um pra lá.

Giro externo - Consiste em dar um giro por fora pelo hand stick e voltar ao Tic-Tac - sem deixar cair é óbvio.

Salto simples - De forma básica é lançar o taco principal de forma que ele vá para cima e volte de uma maneira que você consiga controlar e não deixe cair.

Giro com uma mão só - Girar o taco principal usando apenas um hand-stick.

Quinta aula se desenvolveu com atividades de equilíbrio, o próprio espaço da quadra favoreceu o uso da atividade, ela possui um alambrado em torno de um metro de altura em relação ao solo não apresentando nenhum tipo de risco a integridade física dos alunos, a aula foi bem movimentada porque a maioria da sala

queria realizar o desafio proposto que era andar dez metros sobre o alambrado. As atividades desenvolvidas nessa aula consistiram em:

Atividade 01

Subida na barra com auxílio de um colega ou do professor.

Atividade 02

Subida sem auxílio na barra.

Atividade 03

Realizar passadas com ajuda de um colega, passadas sozinho para frente, para trás e lateralmente.

Sexta aula deu-se continuidade às atividades de equilíbrio, mas dessa vez a aula aconteceu na quadra descoberta encontrada no pátio da escola, onde as condições de equilíbrio era outra, na mesma aula foi integrado um novo elemento de equilíbrio o rola-bola no qual consiste em uma tábua posta sobre um cilindro de metal onde os alunos tem de buscar o equilíbrio ficando parados sobre a tábua. No rola-bola a atividade desenvolvida foi:

Atividade 01

Tentativa de equilíbrio sobre a prancha, ficando em pé sobre a mesma com auxílio de um colega, ate conseguir ficar em pé na tábua sozinho.

Sétima aula iniciou o conteúdo de malabares na qual foi iniciada com o uso do tule onde os alunos tinham de manipular o tule no ar sem deixar o mesmo cair realizamos algumas atividades com o tule, e comecei a falar do malabares com a bolinha. Na aula foram desenvolvidas as seguintes atividades:

Atividade 01

Vivenciar o material de diversas formas feito isso, juntam-se em duplas, cada um com dois lenços estando um de frente para o outro em uma distância de pelo menos 2 metros, cada um segura os lenços em uma das laterais do corpo de maneira alternada a do seu par, por exemplo: uma pessoa segura do lado esquerdo e a outra segura do lado direito, dado o comando ambos lançam os lenços para

cima e corre em direção do lenço de seu par agarrando-os antes que cheguem ao solo. Podendo variar a atividade incrementando giros e palmas.

Atividade 02

Escravos de Jô – Forma-se um círculo cada pessoa com um lenço na mão, todos cantam e passam o lenço para a pessoa que estiver ao lado direito, variação com dois lenços.

Atividade 03

Duelo – em dupla, cada um fica com dois lenços manipulando-os sem deixar cair ao solo, objetivo do jogo é capturar um lenço do seu adversário sem deixar o mesmo pegar um lenço seu, vence quem conseguir ficar manipulando no ar três lenços.

Oitava aula foi incluído o malabares com bolas expliquei a relação matemática e física empregada no manejo dos malabares em geral, foram realizadas inúmeras atividades de manipulação primeiro com uma bola apenas e aos poucos fui dificultando a atividade aderindo o uso de mais bolinhas. Atividades aplicadas foram:

Atividade 01

Manipular as bolinhas em diversos planos, estabelecer os números e tipos de manobras com as bolinhas exemplo: movimento 01 de uma mão pra outra em linha reta, movimento 02 pra cima em linha reta com a mesma mão que a joga.

Atividade 02

Processos de aprendizagem do malabares com duas bolinhas, marcação de tempo, troca de mãos, fazer o movimento de malabares com as bolinhas no chão, equilibrar a bola na parte de cima (costas) das mãos.

Atividade 03

Gladiador – equilibrando a bola nas costas das mãos, agachados a um sinal todos levantam equilibrando a bolinha ainda, objetivo do jogo é derrubar a bolinha de uma pessoa qualquer sem deixar que derrubem a sua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos, não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio
(Caetano Veloso)*

A utilização de atividades circenses nas aulas de Educação Física escolar foi um processo desencadeador de inúmeras certezas e incertezas. Almejar uma aula diferenciada deveria ser um princípio a ser seguido por todos os acadêmicos e professores.

Nesse percurso muitas dúvidas perpassaram a minha cabeça, a principal relacionava-se com a insegurança em abordar um tema tão diferente, não queria ser como outros professores de Educação Física, que julgam apresentar algo inovador em suas aulas, mas não ultrapassam a esfera do fazer por fazer. Visando quebrar essa barreira, aproveitei a oportunidade que me apresentou: em maio deste ano houve um congresso na cidade de Jundiaí, onde ocorreu uma oficina sobre atividades circenses, a qual eu participei.

A ida este congresso foi fecunda, além de aprender o processo metodológico das atividades circenses, fiz contato com os maiores pesquisadores do assunto no País. O professor Marco Antonio Bortoleto e seus discípulos se apresentaram solícitos as minhas preocupações e disponibilizaram um acervo de artigos e documentos os quais eu desconhecia ou não havia tido acesso, que me deram subsídios teóricos para a minha práxis.

Após essa etapa, na qual eu havia adquirido um domínio do processo pedagógico das atividades circenses surgiram outras dúvidas, será que as crianças

seriam capazes de realizar o que eu iria propor? Nesse momento algo inesperado aconteceu: minha irmã de 09 (nove) anos, ao me olhar treinando, se apropriou dos saberes, os executando de maneira eficaz. Isso me deu confiança para seguir em frente.

Ao longo de todo o processo foi possível perceber que o Circo, e por consequência suas atividades, é mágico. No início houve uma resistência por parte dos alunos, mas com o passar do tempo, paulatinamente esse resistir foi modificado.

As atividades que mais tiveram sucesso foram às realizadas com os malabares, indicando a possibilidade de superação. Para alguns alunos realizar malabarismo com três bolinhas, com o swing poi, ou mesmo o diábolo se configuravam impossível, conseguir fazê-las os aproximava do universo circense e os proporcionou descobertas inimagináveis a eles.

O objetivo inicial deste trabalho foi comprovado: é possível sonhar com as atividades circenses realizadas na escola. Para tanto, se faz necessário estudos e coragem por partes dos docentes para enfrentar o inusitado, principalmente na busca de um embasamento teórico que dê suporte a sua prática.

É preciso ressaltar que durante o processo nem tudo foram flores: alguns alunos insistiam em não realizar as aulas, em detrimento da vontade de jogar bola, e tentavam minar as minhas intenções. Diariamente foi preciso seduzi-los para a prática.

Este estudo não termina aqui, faz se necessário que novas pesquisas que envolvam atividades circenses aconteçam, envolvendo novas técnicas e também em outras séries.

Se o palhaço é alma do circo, com certeza o Professor de Educação Física é a alma da escola... A união dos dois nas aulas de Educação Física é algo fantástico que deveria ser constantemente explorado.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- _____. Ensino de primeiro e segundo graus. Educação Física para que? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.13, n. 2, p.282-7, 1992.
- _____. Valores e finalidades na Educação Física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, v.16, n.1, outubro/1994.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física** / Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BORTOLETO, M. A. A perna de pau circense: o mundo sob outra perspectiva. **Motriz**, Rio Claro, v. 3, n. 9, p.125-133, dez. 2003.
- BORTOLETO, M. A. C. Circo y educación física: los juegos circenses como recurso pedagógico. In: **Revista Stadium**, Buenos Aires, ano 35, n. 195, p. 15 – 26, Março de 2006.
- BORTOLETO, Marco. Antonio. Coelho (org.). Introdução à Pedagogia das Atividades Circenses. Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2008.
- BORTOLETO, M. A. C. Rola-bola: iniciação. In: **Revista Movimento & Percepção**. Santo Antonio do Pinhal, p. 100-109, 2004.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; MACHADO, Gustavo. de A. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. In: **Revista Corpoconsciência**, Santo André, n.12, p. 41 – 69, 2003.
- CASTRO, Alice Viveiros de. Elogio da Bobagem, Palhaços no Brasil e no Mundo. Família Bastos Editora, Rio de Janeiro –2005.
- DAÓLIO, J. **Cultura, educação física e futebol**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

DUPRAT, R. M. Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para educação física escolar. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

DUPRAT, R. M. BORTOLETO, Marco Antonio. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 02, n. 28, p.171-190, jan. 2007.

FERREIRA, L. A. **Reencantando o corpo na educação física**: uma experiência com práticas corporais alternativas no ensino médio. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

PRODÓCIMO, E. Picadeiro da escola: o circo como conteúdo na educação física escolar. Motriz: **Revista de Educação Física da UNESP**. São Paulo: Editora Unesp, v. 11, n. 01, Suplemento Jan./Abr. 2005, p. 58-59.

SOARES, Carmem Lúcia. *Imagens da Educação no Corpo*. Ed. Autores Associados, Campinas – SP, 1998.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI, L.; ESCOBAR, M.; O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TORRES, Antônio. *O Circo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Funarte, 1998.

VAGO, T. M. A Educação Física na cultura escolar: discutindo caminhos para a intervenção e a pesquisa. In: BRACHT, V. CRISORIO, R. (Orgs) **A educação física no Brasil e na Argentina**: identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados, 2003.